

VOZES DA EDUCAÇÃO SONEGADA

Eliana Sarreta – EAPE-SEEDF

elianasarreta@gmail.com

Jacira da Silva Câmara – UCB

jacira@pos.ucb.br

Resumo: Atender às demandas da população que envelhece e integrá-la à sociedade aprendente é valorizar o potencial do idoso. A educação, nesse sentido, é forte determinante frente à longevidade. Nesse contexto, esta pesquisa qualitativa exploratória, averiguou as razões dos longevos, para retornar e/ou iniciar a escolarização. O regresso à escola, atrelado à demanda da educação ao longo da vida, aponta para uma velhice ativa demonstrando as intrínsecas relações entre o processo de envelhecimento e a educação como oportunidade para a retomada de planos de vida interrompidos e reinserção na sociedade.

Palavras-chave: longevidade; educação de jovens e adultos; educação ao longo da vida

As oportunidades educacionais frente à população que envelhece

Estatísticas apontam que em 1940 a vida média do brasileiro atingia 45,5 anos e 40 anos mais tarde este indicador elevou-se em 17 anos em consequência dos avanços da medicina e das melhorias gerais de vida da população. Particularmente, no Distrito Federal, o adensamento populacional teve início no fim da década de 50, com a afluência das primeiras correntes migratórias de trabalhadores destinados à construção da nova Capital. Em 1960, ano da inauguração da cidade, o Censo indicou a presença de 139.796 residentes. A grande maioria era de adultos em idade ativa, sendo que 67,7% tinham entre 15 e 59 anos (IBGE, 2007).

Para as mulheres a estimativa de vida é de 76,1 anos, quase sete anos a mais do que para os homens (68,5 anos). Ainda, de acordo com o IBGE as diferenças regionais, também permanecem com mais de nove anos de diferença entre os estados com a pior e a melhor estimativa, respectivamente Alagoas (66,3 anos) e Distrito Federal (75,1 anos). Segundo esse documento, alguns dos fatores que contribuíram para o aumento da expectativa de vida dos brasileiros foram: o maior acesso da população aos serviços de saúde, as campanhas de vacinação, o aumento da escolaridade, a prevenção de doenças e os avanços da medicina.

Constata-se que a modernidade é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que a expectativa de vida aumenta, os idosos vivem em um mundo alheio a eles. Neste sentido, a sociedade, além de preparar o idoso para essa nova configuração social, deve se reestruturar para recebê-los (NOVAES, 1997).

Araújo (2006) acrescenta que esses novos atores estão chegando a um cenário de desigualdade de acesso e condições. Desprovidos da categoria de produtivos, os idosos são afastados do meio social. Paz (2001) descreve esse cenário como asilamento social, afirmando que a mesma sociedade que garante a longevidade é a que exclui o longo dos processos de inserção, participação e trocas de conhecimento.

Neste momento histórico, o conhecimento e a aprendizagem são valorizados e concebidos como algo intrínseco à vida, presentes na existência humana de forma marcante e estendendo-se ao longo de toda a vivência do indivíduo. Corroborando, Demo (2004) afirma que a morte mais violenta que existe é deixar de aprender, não participar da sociedade por falta de aprendizagem, não entender as novas gerações, ficar de fora das discussões atuais, sentir-se inútil. O desprestígio que a sociedade confere ao idoso é maior que o próprio envelhecimento biológico, pois o velho não se vê como velho pelas transformações percebidas em seu físico pelos anos vividos, mas se percebe como velho pela discriminação e negação que a sociedade lhe faz (CACHIONI, 2003).

Estudar durante toda a vida é uma necessidade numa sociedade baseada no conhecimento, contudo, mesmo com o aumento da expectativa de vida, a criação de oportunidades educacionais para os idosos ainda é vista como menos importante. É uma realidade o grande número de pessoas entre 50 e 60 anos que não tiveram sequer acesso ao ensino fundamental ou outras pessoas que tiveram a oportunidade de estudo, no entanto, depois de aposentadas vêm-se deslocadas, não acompanhando mais as grandes mudanças e transformações pelas quais vem passando a sociedade.

As oportunidades educacionais são apontadas como importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, porque, segundo Néri e Cachioni (1999), estas intensificam os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos além do aperfeiçoamento pessoal. Atender às demandas da população que envelhece e integrá-la à sociedade aprendente é valorizar e reconhecer o potencial da pessoa idosa. Tão importante quanto as políticas educacionais na infância é também, igualmente, significativo oferecer condições para que as pessoas da terceira idade continuem atuando e contribuindo, recuperem oportunidades perdidas e vivenciem novas situações de estudo e aprendizagem.

A educação, nesse sentido, é um forte determinante que pode ajudar os idosos a assumirem um papel positivo frente à longevidade. Diante dessas premissas, esta pesquisa

objetivou averiguar razões, apresentadas pelos longevos, para retornar e/ou iniciar o processo de escolarização.

Democratização do conhecimento e o ensino de jovens e adultos (EJA)

A questão da democratização da educação tem se constituído um grande desafio para a sociedade contemporânea que exige novas competências e novas posturas. A chamada “Era da Informação” demanda mudanças dos contextos social, cultural e escolar. O acesso ao conhecimento torna-se cada vez mais crescente e é um dos maiores requisitos no campo da cidadania.

No Brasil, essa necessidade é ainda maior, devido aos longos períodos de elitização escolar, onde só as classes mais abastadas tinham acesso à educação (VERAS, 1997). Com relação às pessoas idosas essa afirmação se faz mais verdadeira ainda, pois a maioria viveu em um período bastante diverso de hoje, quando a questão da subsistência era mais urgente que o ensino e apenas 50% puderam completar o curso primário (BERQUÓ, 1999).

As famílias não se preocupavam em oferecer o saber escolarizado; o conhecimento e a informação não tinham a conotação atual. Hoje, no entanto, a educação tomou outro significado na sociedade e na vida das pessoas, pois a aprendizagem tornou-se demanda permanente independente da idade ou das credenciais educacionais anteriores, possibilitando acesso aberto a todos (DRUCKER, 1993).

Vê-se, dessa maneira, que a educação de jovens e adultos, incluindo os idosos, tem se tornado uma necessidade tanto nas comunidades como em locais de trabalho. As novas demandas da sociedade exigem não só um constante aperfeiçoamento, mas requerem do indivíduo a busca de novos conhecimentos e de novas habilidades. Sobre o retorno do adulto à escola, Andrade (2004) menciona que é um movimento profundamente individual e solitário, que deve ser interpretado como parte de um conjunto mais amplo de valores.

Corroborando, Osorio (2005) elucida que a educação de adultos, hoje, não pode ser mais aquela que dava prioridade quase única à superação do analfabetismo. Na sociedade do conhecimento, a educação deve contemplar uma formação flexível, (aprender a aprender). Para o autor, o apoio à formação contínua das pessoas adultas é a única forma de garantir que muitos grupos sociais possam adquirir os novos instrumentos que vem sendo impostos pela sociedade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório interpretativo, desenvolvida em uma escola pública do Distrito Federal que atende ao 1º, 2º e 3º segmentos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Participaram da entrevista 14 longevas, surpreendentemente, todas do sexo feminino. A idade das entrevistadas variou de 62 a 75 anos, com a média etária de 68 anos.

Na coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, que constou dos dados pessoais das participantes, além de perguntas abertas buscando obter das entrevistadas, suas motivações para ingressar ou continuar seu processo de escolarização na perspectiva de seu engajamento social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das quatorze longevas entrevistadas, nove delas entraram na escola há menos de três anos; quatro tiveram a oportunidade de estudar na infância, mas logo pararam, não concluindo sequer o primário, e uma começou os estudos aos 18 anos, porém cursou apenas até a 2ª série. Do discurso das participantes, dois significados emergiram de maneira unânime: o lamento pelo não vivido e pelo que não pode sequer ser lembrado. Assim, logo após informarem a idade, ressaltavam os percursos, a falta de oportunidades e as dificuldades por que passaram.

Nove entrevistadas apontaram a questão da subsistência, pois a família era grande e tinham que trabalhar para pôr “comida” em casa. Na maioria das vezes, segundo relatos das entrevistadas, lhes eram negadas as oportunidades de estudo, pois o pai sempre enfatizava que mulher era feita para casar e ter filhos e não para se sentar em banco de escola.

[...] Não, nunca fui à escola, porque não tive oportunidade. Meu pai dizia que mulher não deveria estudar, mulher foi feita pra casá e ser mãe e assim foi a vida.(L11)

Percebe-se que a construção dos papéis sociais dessas mulheres idosas foi baseada na herança de um sistema hierárquico injusto e desigual, que sempre lhes destinou um papel secundário. A vida dessas longevas girou em torno da tutela dos pais e dos maridos; com os primeiros tiveram de se dedicar ao trabalho familiar e com os últimos lhes foi reservado o cuidado com os filhos. A obediência foi uma constante na vida dessas mulheres e suas vontades e

desejos foram sempre relegados. Naquele mundo em que viviam, o saber e o aprendizado não conseguiram encontrar espaço.

Veras (1999) fortalece essa idéia, referindo-se ao fato de que, no Brasil, as mulheres idosas são vítimas de um sistema familiar que sempre as discriminou do acesso ao trabalho e à educação. Daí se tem uma idéia dos limites nos quais estas alunas entrevistadas construíram suas vidas. Essas pessoas, hoje idosas, representam uma época em que eram fortemente delimitados os papéis de homem e de mulher nas divisões das tarefas e o trabalho masculino era revestido de maior poder em relação ao feminino.

Prova disso é a distribuição da população idosa alfabetizada brasileira por sexo. Observa-se que “a população masculina é consistentemente mais alfabetizada que a feminina, independentemente da idade, e a população jovem é mais alfabetizada que a população idosa, independentemente do sexo” (CAMARANO et al, 1999, p. 43). As oportunidades educacionais de 60, 70 anos atrás eram um “luxo” para poucos mediante as necessidades dos demais cidadãos. Além disso, no caso desse grupo de longevas, a moradia na zona rural dificultou ainda mais o ingresso e a permanência no meio escolar, visto a raridade de escolas e a precariedade de transportes daquela época.

Para essas mulheres, a ênfase dada ao casamento pelos seus pais, refletia uma das poucas possibilidades de desempenho de papéis que lhes cabiam, que eram os de ser mães e esposas. Bassit (2004) assinala que os papéis dessas longevas foi o de cuidadoras dos maridos, dos filhos, da família e dos outros:

[...] Minha mãe faleceu, aí fui ajudá minha irmã criá os irmãos. Todo mundo foi trabaiá.(L5)

[...] Estudei até o quarto ano, mas tinha loucura de estudar mais, mas nunca deu certo, meu pai morreu e a gente teve que trabaiá.(L9)

Essa situação enunciada por Bassit (2004) é vista como dramática por Goldani (1999), já que essas mulheres idosas se deparam nesta fase com todas as desvantagens acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdades estruturais. O autor ainda alerta para o fato de que mais da metade das idosas brasileiras desta segunda metade do século XX passou a vida sem saber ler e escrever e sem uma atividade remunerada. Limitadas à vida do lar e aos cuidados com a família, essas mulheres tiveram suas vidas sempre a serviço do outro.

Apesar desses fatos, esse grupo de longevas percebe-se, “no agora”, considerando esse o momento em que tem a oportunidade de estar na escola com a idade que circula a partir dos 60 e

vai até os 75 anos e afirmam que não estão cansadas dessa longa viagem. Vê-las em sala de aula entre tantos outros, é enxergar nessas mulheres, as crianças que não tiveram a oportunidade de estudo, mas que agora retornam com a mesma vontade de querer aprender.

Essa situação é espelhada nos lápis bem apontados, nos livros encapados e principalmente na vontade, de algumas delas, de mostrar a letra e o capricho do caderno. O que se observa é que a aprendizagem tem significados infinitos independentemente da idade. Nunca é tarde para aprender, muito menos para se encantar com a própria escrita em um caderno novo! Para essas senhoras o tempo é um mero detalhe, o que Gonçalves (2003) considera altamente positivo, quando afirma que a capacidade de aprendizagem pode ser tão elevada aos 80 quanto aos 15 anos.

Para esse grupo de longevas, voltar ou retornar aos bancos escolares tem significados distintos, mas repletos daquela mesma vontade que lhes foi tolhida quando crianças que se resumia em aprender a ler e escrever. A construção de conhecimentos e o entendimento do mundo não faziam parte do processo de aprendizagem daquela época. Nesse sentido, em 1997, Bobbio já constatava que a sociedade era dividida entre aqueles que detinham ou não conhecimento. Para esse autor, o velho passa a ser aquele que não sabe, sendo marginalizado socialmente.

As longevas desta pesquisa já se percebiam neste contexto, conforme relataram nas entrevistas e sentem-se à deriva do conhecimento. Voltar à escola é o primeiro passo, visto por elas, para compreender o mundo e se sentirem participantes desse novo cenário, onde o conhecimento define a participação de cada um na sociedade. Estas situações ficam evidenciadas nos seguintes depoimentos:

[...] É porque era coisa que eu mais queria na vida, vontade de estudá. (L3)

[...] Às vezes eu ia entrá em um ônibus e não sabia em que ônibus eu estava indo, eu tinha que procurá uma pessoa pra me orientá, que tivesse mais leitura, falasse pra onde eu tava indo, então por isso eu voltei. (L4)

O sentimento da longeva L4, por ser analfabeta, era de embaraço e constrangimento. A insegurança e a exposição freqüente a enganos, além da habitual dependência de outras pessoas, geraram sentimentos de inferioridade. O sentimento de vergonha, medo e exclusão constituinte de uma auto-estima baixa e a crença na incompetência para a aquisição do saber escolarizado foram constantes nas falas de algumas das entrevistadas.

Outras longevas ainda destacaram a solidão como o principal motivo de seu retorno aos estudos. Parecem cansadas! A sensação que se tem é que buscam na escola um trabalho a ser feito, um lugar para onde ir, pessoas para conversar ou assuntos para dividir.

Passaram a vida com obrigações, dedicando seu tempo a cuidados com a casa e o marido, a criação dos filhos, aos trabalhos domésticos, às preocupações diárias com os orçamentos familiares e afins, cumprindo, desta forma, os papéis desenhados por seus pais e, pela cultura daquela época. Atualmente, a casa ficou vazia, os filhos casaram-se, muitas estão viúvas e, hoje, vêm-se solitárias, não tendo o que fazer.

Essa situação remete à fala de Araújo (2006) que descreve a condição de desigualdade que essas mulheres estão chegando à velhice, já que desprovidas da categoria de produtivas, são afastados do meio social. Vir para a escola passa a ter um significado muito mais profundo, tendo a aprendizagem apenas como o “pano de fundo” para a busca de novas amizades, a troca de receitas ou um tempo para, simplesmente, estar rodeada de pessoas.

A escola, assim, é um espaço de socialização que motiva os longevos para uma educação continuada e se constitui em um estímulo à aprendizagem. Como ficou evidente, vale ressaltar que esta motivação decorre de uma variedade de razões explicitadas nos depoimentos. São diferentes caminhos percorridos, mas com histórias muito parecidas que se encontram na sala de aula, seja na busca pelo não apreendido ou simplesmente pela satisfação de estar em um grupo.

[...] Olha eu nem queria, foi uma filha minha que me matriculou, o que eu pensava era que gente dessa idade minha não tinha mais direito de escola, não tinha mais direito de nada, aí ela me matriculou e você acredita que hoje a coisa melhor que tem é vir pra escola parece que eu sinto que sou criança, gosto de estudar.(L12)

[...] Eu não trabalho, não faço mais nada, então eu quis passar o tempo.(L13)

A aquisição da liberdade, ainda é uma conduta estranha a essas mulheres, as quais parecem não dar importância aos anos de vida, apresentando um certo preconceito com os anos acrescidos. A longeva L12 destaca esse sentimento quando diz ter a visão que “gente igual a ela não tem mais direito de nada”. Este raciocínio revela o quanto as novas gerações precisam ser preparadas para um envelhecimento saudável, sem preconceitos e com direitos de participação na sociedade, caso contrário, a longevidade será um fardo e não um ganho para a vida das pessoas. A necessidade de fazer o idoso ter “uma cabeça bem feita” é vista por Lima (2001) como urgente,

pois só através da atualização de seus conceitos será possível adquirir uma nova visão da velhice que vivenciam.

Um aspecto importante sentido na fala de L9 é seu auto-preconceito com a idade, não se vendo no direito de estudar, mas sim de estar “mais quieta, encostadinha em casa”. A interpretação que se faz é que essa senhora não vê na escola, um espaço conquistado. Apesar de ser aluna, desaprova sua inserção no grupo, seu relógio-social diz a ela que deveria estar em casa quieta e não estudando. Para Deps (1993) uma das grandes dificuldades que o idoso enfrenta é a perspectiva de tempo futuro, que muitas vezes o leva a achar que não tem mais tempo para realizar nada e por isso renuncia aos seus projetos.

[...] Ah fica todo mundo assim vibrando, eu tô animada porque eu lembro da SRA e vou fazer também, é assim que a minha filha fala. Quer dizer que eu dou assim uma certa animação pra eles por causa da minha idade, já tinha que estar encostadinha lá e estou aqui na escola.(L9)

Negreiros (2003) alerta que os mitos e preconceitos relativos à velhice são construídos durante toda a existência humana e serão eles que determinarão o olhar do longevo para sua própria existência. Segundo o autor, o velho de hoje já foi um jovem discriminador e lentamente passou para o grupo discriminado.

Algumas longevas apresentaram muita timidez ao falar e afirmaram não se sentirem muito à vontade na escola. Uma delas confere a sua boa convivência à quietude que apresenta em sala, parece que viveu durante tanto tempo sem o direito de falar que agora o silêncio lhe basta. Passar-se despercebida, sem ser notada, lhe dá um certo conforto.

[...] Quietinha, eu não saio, fico estudando, vou à lanchonete, como meu lanche e volto para a sala de aula. (L4)

A convivência para essas mulheres ainda tem aquele significado primeiro que lhes foi passado por seus pais, o de obediência total, sem direito a opinião própria. Argumentos como os das longevas são vistos por Bassit (2004) como um mecanismo de defesa, muito observado na terceira idade, já que o idoso normalmente se depara com uma gama de experiências desfavoráveis, desagradáveis e excludentes. Nota-se que o passar dos anos tornou essas longevas mais desconfiadas, menos comunicativas. A longeva L4 parece ter medo de não ser aceita pelos mais jovens e procura as companhias da mesma idade. Presa ao relógio social que determina a todas as pessoas o que elas podem fazer, com quem e quando, essa aluna parece temer a rejeição, ou ter a desaprovação, preferindo ficar afastada dos colegas.

[...] Quietinha, eu não saio, fico estudando, vou à lanchonete, como meu lanche e volto para a sala de aula. (L4)

Para descrever o seu mundo de antes, sem o estudo, e agora que está na escola a longeva L12 lança mão das seguintes palavras: “mundo pequenininho, mundo mais claro, com mais espaço, mundo melhor”. Observa-se aqui uma gradação no sentido da força argumentativa dessa resposta, que vai de um argumento mais fraco para outros mais fortes. A longeva investe em uma auto-avaliação positiva quando se refere à imagem que tem de si antes e após ter entrado na escola. O depoimento dessa “senhora aluna” mostra o quanto as oportunidades educacionais podem fazer na vida das pessoas; o que a educação lhe traz, agora aos 72 anos é “luz”, o que faz “crescer seu mundo pequenininho”.

[...] Eu falo que o mundo daqui da escola é um mundo diferente daquele que eu vivi a minha vida inteira, um mundo pequenininho, agora tá um mundo mais claro, com mais espaço, um mundo melhor.(L12)

Independentemente da idade, o acesso ao conhecimento modifica o indivíduo e, no caso do longo vivo, existe a chance de reintegração desses indivíduos à sociedade. Consta-se que essas alunas longevas entrevistadas, todas são novas aprendizes, pois saíram do conforto do lar, do crochê, da televisão e dos cuidados com os netos para embarcarem em novas experiências. Conseguiram desfazer barreiras, ou melhor, a cada dia encontram ferramentas para romper resistências interiores, acreditam em si mesmas e reconstróem em suas diferenças e singularidades uma nova velhice. Em suas falas, várias são as palavras de ânimo e obstinação e são importantes os destaques de algumas delas, como: desinibição, informação, conhecimento, futuro, comportamento sadio, amigos, planos, liberdade, esperteza, luz na mente, poder de discussão, argumentação, esclarecimento, satisfação. Essas alunas vêem que o seu tempo é o hoje, mas carregam dentro de si todas as experiências do ontem, projetando-se no amanhã (KACHAR, 2001).

CONCLUSÕES

Diante de todos os motivos expressos pelas entrevistadas, entende-se que o contexto onde essas mulheres nasceram, viveram e construíram suas vidas não foi o mais propício para frequentar a escola. Trazem dentro de si muitas histórias e experiências que conquistaram através dos anos vividos. Agora chegam à escola como alunas diferenciadas como decorrência de uma

vida que, apesar de ter sido castradora em vários aspectos, lhes proporcionam uma bagagem de aprendizagens e experiências vividas.

Seus mundos foram circundados pelo ambiente doméstico e o cuidado com os outros foi sua principal tarefa. Sonegadas do direito à educação, essas senhoras voltam à escola para aprender a escrever o próprio nome, ler placas de orientação de trânsito, bulas de remédios, fazer novos amigos, compartilhar experiências, fugir da solidão. A expressão oral para 12 delas foi até dois anos atrás o único instrumento de comunicação, daí ser possível imaginar o esforço que cada uma delas fez para se matricular em uma escola, entrar em uma sala de aula, conviver com pessoas tão diferentes e reinterpretar o saber ensinado na escola frente a todas as experiências que trazem em suas vidas.

Apresentando resultados de pesquisa recente realizada no Brasil, com mulheres nascidas entre os anos de 1926 e 1936, Bassit (2004) analisa que a maturidade dessas mulheres foi construída a partir de valores como a família de origem, o ideal de casamento e a constituição de suas próprias famílias consagrada através do nascimento dos filhos.

Ao analisar a motivação para a aprendizagem dos participantes desta pesquisa, fica claro que os mesmos estão hoje na escola porque sentem desejo de aprender aquilo que não foi possível quando criança. Em suas falas constata-se mudanças relacionadas ao humor, timidez, facilidade em manter diálogo com as outras pessoas, inserção social e aprendizagem.

[...] Eu mudei muito depois do estudo e como mudei! No relacionamento com as pessoas mudou muita coisa, escrevendo melhor, leio melhor, entendo melhor o mundo, eu tô achando melhor o mundo.(L5).

Essas mudanças denotam principalmente o poder de mudança que a educação tem na vida das pessoas. Independentemente da idade, o acesso ao conhecimento modifica o indivíduo e, no caso do idoso, existe a chance de reintegração à sociedade. A educação, em suas práticas pedagógicas, deve se desenvolver de forma que garanta ao sujeito acesso aos diversos referenciais sobre o conhecimento que lhes é transmitido e ao mesmo tempo, a partir desse contato, construir progressivamente o conhecimento (GOMES, 2000).

Sobre os elevados índices de analfabetismo feminino, Paz (2001) afirma serem estes motivos suficientes para que se priorizem políticas públicas educacionais para o idoso. Acrescentando dados às falas acima, ressalta-se que a busca da mulher, de forma maciça, pela educação somente se deu a partir da década de 1940. Com isso, os índices de alfabetização

feminina sofrem o impacto da idade, ou seja, as mulheres inscritas nos grupos etários mais idosos apresentam maiores taxas de analfabetismo. (ROSEMBERG, 1992; CARVALHO, 2000).

Assim sendo, os idosos e particularmente as mulheres idosas que atualmente se encontram em processo de escolarização são exemplos de uma população que, por muitos anos, foi negligenciada de participar do processo educacional. Daí a mistura de sentimentos relatados pelas entrevistadas. Por um lado, sentem-se felizes por voltar a estudar e, por outro lado, sentem raiva pelos danos causados em suas vidas pela falta de escolarização. Além disso, essas mulheres vivem em um momento onde o conhecimento é uma exigência para a interação e entendimento do mundo, por isso muitas delas, como no caso de L8, se vêem “amputadas pela falta de conhecimento”:

[...] Porque você tem perna, mão, braço, mas quando você não sabe ler e escrever você é uma pessoa inútil...(L8)

O Quadro 1 apresenta dados relacionados à entrada, permanência e saída das longevas:

Quadro 1-Longevos que ingressaram na escola em Idade Regular e Tempo Fora da Escola

<p>▶ Anos de permanência na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por 1 ano • Por 2 anos • Por 3 anos • Por 4 anos 	<p>Número de longevos</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>2</p>
<p>▶ Tempo fora da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mais de 50 anos • Mais de 55 anos • Mais de 60 anos 	<p>Número de longevos</p> <p>5</p> <p>4</p> <p>5</p>

O tempo de 50, 55, 60 anos fora da escola, conforme apresentado no quadro acima, traz à tona fatos das histórias de vida dos longevos que sempre tiveram que ceder em favor do outro. Ou seja, primeiramente, quando crianças tiveram que abdicar da frequência à escola em favor da necessidade de ajudar os pais na luta pela subsistência e posteriormente com os cuidados da casa, do marido e dos filhos.

Essas mulheres têm uma trajetória muito específica. Vivenciaram situações de opressão, exclusão e marginalização e agora buscam, na educação, um horizonte de liberdade e emancipação. A educação sonhada a essas mulheres representa um espaço vazio na vida de cada

uma delas que não pode ser resgatado, mas compreendido para que através de suas leituras de mundo se entenda melhor o aluno adulto que está em sala de aula querendo aprender e apreender o tempo que lhe foi roubado.

Dessa maneira, espera-se que as políticas educacionais intervenham de tal forma que quadros como os apresentados nesta pesquisa não mais façam parte de estudos relacionados à educação. O legado esperado da longevidade e da educação para o século XXI será o da inclusão em todos os aspectos fazendo desaparecer os vários e diferentes estigmas que permeiam o cenário educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. R. R. Os desafios da longevidade: (des) construções de paradigmas sobre qualidade de vida. In: FALEIROS, V. P; LOUREIRO, A. M. L. (Orgs). **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 2006, p.13-23.

BASSIT, A.Z. Na condição de mulher, a maturidade feminina. In: PY, L;J.L.Pacheco;de SÁ, J.L.M. &GOLDMAN, S.N. (Orgs). **Tempo de envelhecer-percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004, p.13-25.

BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL-IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. **Censo Demográfico: Brasil, 2007**. Rio de Janeiro.

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: DEBERT, G.G; NERI, A. L. (Orgs). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999, p.11-40.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** – Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade.Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CAMARANO, BELTRÃO, PASCOS, MEDEIROS & GOLDANI. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A.A. (Org), **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999, p. 19-71.

CARVALHO, M. P. Gênero e política educacional em tempos de incerteza. In: HIPÓLITO, A.M.; GARDIN, L. A. (Orgs.) **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 137-162.

DEMO, P. **Sociedade e suas oportunidades**. Brasília: Plano, 2004.

DEPS, V.P. Atividades e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, A.L. (Org). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1993, p.57-87.

DRUCKER, P. F. **Sociedade pós-capitalista**. 6ªed. São Paulo: Pioneira, 1993.

GOMES, H.F. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, v.29, n1, p.61-70, jan/abr, 2000.

KACHAR, V. Introdução. In: KACHAR, V. (Org). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p.11-14.

LIMA, M. P. Reformas paradigmáticas na Velhice do século XXI. In: KACHAR, Vitória (org.) **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p.15-26.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NEGREIROS, T.C.G.M. Quantidade e Qualidade de Vida. In: NEGREIROS, T.C.G.M. (org). **A Nova Velhice Uma Visão Multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

NERI, A.L; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Orgs). **Velhice e Sociedade**. Campinas, Papirus, 1999, p.55-72.

NOVAES, M.H. **Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ed. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

OSORIO, R.O. **Educação Permanente e Educação de Adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2005.

PAZ, S. F. O trabalho (des) humano e suas conseqüências na aposentadoria e na velhice. In: GOLDMAN, S. N.; PAZ, S. F. (Orgs). **Cabelos de Néon**. Rio de Janeiro: Talento Brasileiro, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEMBERG, F; AMADO T. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.80, p.62-74, fev. 1992.

SEN, A. **Algumas reflexões sobre o dia internacional da alfabetização**. <http://.unesco.org.br>. Acesso em: 10 abr.2005.

VERAS, R. P. (org). **Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Unati, 1997.